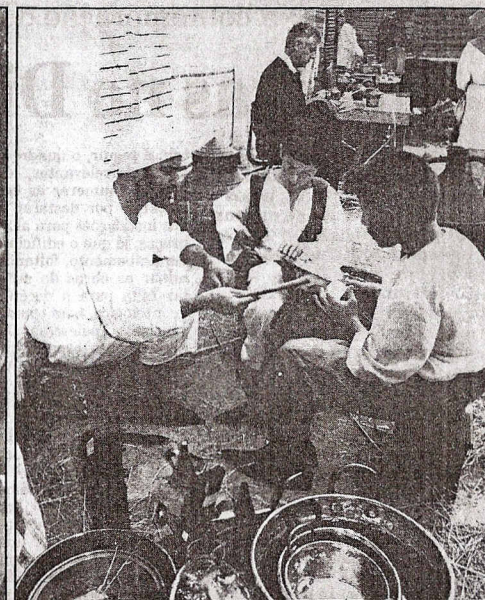


# Documento 20

História ao Vivo – Escola da Portela

Arq. de M. M. Mota

1. Notícia do «Diário de Notícias», de 30 de Junho de 1991.



De negro vestidos, de aspecto «sinistro», estavam os banqueiros atentos a todos os negócios dos mercadores. Mas havia também muitas outras coisas, como os funileiros reparando diversas peças. Não longe, a tenda dos comestíveis, onde cada um comprava o que quisesse © DN-António Aguiar

Alunos e professores foram mendigos, aguadeiros e frades do século XVI

## Regresso ao passado em escola da Portela

**Alunos e professores da Escola Preparatória Gaspar Correia, da Portela de Sacavém, recuaram quatro séculos na história. Anteontem, vestiram-se à época para reconstituírem uma rua de mercadores do século XVI. Tudo a rigor, sem intrusos no terreno, nem mesmo jornalistas que delicadamente, e em termos rebuscados na gramática de há 400 anos, foram «postos na rua» porque a vestimenta destoava do conjunto!**

NO ESPAÇO regularmente utilizado como recreio havia de tudo. Viúvas, mulheres do povo, ciganas «vindas» não se sabe de onde, mendigos, frades e burgueses. Refira-se que uma das mendigas, não fora os sapatos bem 1991, (todos os outros calçavam à moda de 1500), era a mostra fiel de como se andrajava na-

quele tempo e, se os farrapos que cobriam o corpo da jovem aluna eram capazes de meter dó, a cor dos seus cabelos, de um grisalho profundo, baços e a revelarem descuido, conseguiam uma nota mais triste que todo o restante conjunto.

Creriosamente distribuídas estavam as tendas dos ce-

reais, legumes, flores, criação, queijaria, botica com ervas medicinais, carvoaria, taberna e produtos orientais, caso das especiarias. Numa área mais recuada, a zona dos mesteiros (artesãos) onde desenvolviam a sua actividades os latoeiros, cesteiros, oleiros e tanoeiros. Num banco improvisado, os personagens envolvidos na reconstituição trocavam os seus escudos por moedas do século XVI, como o vintém (duzentos escudos); meio vintém (cem escudos); cruzado (dez escudos) e centil (vinte e cinco tostões).

Por todo o lado se viam cenas de rua, com destaque para os aguadeiros e apregoadores de sabão e bananas. Os

saltimbancos não faltaram, assim como os malabaristas, trovadores e jograis. Também se dançava e praticavam os jogos tradicionais, e enquanto as horas passavam, mais rapidamente do que muitos desejariam, crescia e intensificava-se o interesse pela iniciativa em que colaboraram cerca de 300 pessoas, entre mestres e alunos.

### Uma oração em latim

Lá para o meio da manhã, os frades reuniram-se no centro do terreiro e iniciaram uma oração em latim que, de forma melhor ou pior, todos acompanharam, principalmente no ámen. Uma repre-

sente da nobreza passou numa liteira, viu o que se passava lá pelo burgo, e seguiu a sua rota. Pouco depois surgia Gaspar Correia (não esquecer que a escola tem o seu nome) regressado que era do Oriente, transportando entre a bagagem a mala recheada de sedas.

Depois, quando a actividade começou a denunciar o desgaste e os doces e pães, além do arroz-doce e queijos frescos, já não compensavam as calorias perdidas, foi tudo para a taberna almoçar e recarregar baterias para prosseguir, ao longo da tarde, aquele quadro quase teatral carregado de significado, que inicialmente não deveria ter ultrapassado o meio-dia.

Não se imagine, no entanto, que esta reconstituição de uma rua de mercadores portugueses há 400 anos não custou algumas dores de cabeça. Foram muitos dias de trabalho árduo que só terminou quando a festa chegou ao seu termo.

Os professores, esses, fizeram questão de agradecer os apoios que tiveram de várias empresas, que, além de dinheiro, tiveram a gentileza de dar tudo o resto, e também dos pais dos alunos que se empenharam a fundo para que tudo resultasse bem, pese embora o facto das horas tardias da deita, para completar quadros, construir tendas, organizar as pessoas e costurar os trajos.